

3/6/1987

Preparação prévia ajudou “bóia-fria” a fazer greve

SÃO PAULO — A greve dos cortadores de cana na região oeste do estado de São Paulo, que continua se alastrando, revela um novo estágio na organização do movimento sindical rural. A paralisação, que atine 23 municípios que envolve cerca de 100 mil bóias-frias, segundo os organizadores, foi precedida por um trabalho inédito de preparação. No último ano, os sindicalistas rurais passaram por 20 encontros — na prática, verdadeiros cursos para discutir principalmente o procedimento adequado em caso de greve.

Ontem, o porta-voz dos usineiros da região de Ribeirão Preto, Fernando Brizzola de Oliveira, admitiu que a paralisação engrossou, com a adesão principalmente dos bóias-frias de Guariba. Oito destilarias estão paradas em Ribeirão Preto e Pontal e Morro Agudo. Duas, em Jaboticabal, operam a meia carga. Os prejuízos, no entanto, ainda não são significativos. “As três maiores usinas da região — São Martinho, Bonfim e Pedra — continuam operando”, observou Brizzola.

O maior nível de organização dá aos dirigentes rurais este ano uma tranquilidade inédita em relação aos rumos do movimento. “Se a polícia não intervir, não haverá nenhum incidente”, diz Vidor Fanta. Seu temor maior reside no que pode acontecer depois que for firmado o acordo com os usineiros e fornecedores de cana.

— Se não houver cumprimento do acordo, o interior paulista poderá se tornar explosivo de uma hora para outra — alerta o diretor da Fetaesp (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo), ao lembrar os incidentes de Leme, em junho do ano passado. A greve dos bóias-frias, em Leme, que acabou resultando na morte a tiros de duas pessoas durante conflitos com a Polícia Militar, agitou-se com a resistência de uma usina em cumprir o acordo firmado.

Três princípios básicos foram estabelecidos. No movimento, ao longo dos encontros sindicais, cabe ao líder sindical de cada município comandar o movimento a partir de reivindicações formuladas pela base de trabalhadores que representa. Dirigir uma greve, segundo a posição dos sindicalistas, significa “manter o trabalhador consciente de que essa é uma briga que de pode perder a curto prazo”, — não recebendo, por exemplo, os dias parados — mas “ganhar numa perspectiva mais longa”.

O segundo preceito da atual greve dos bóias-frias é a determinação dos dirigentes sindicais de “não permitir gerências externas ao movimento”. Assim, até agora nem a CUT nem a CGT — as duas grandes centrais sindicais — se aventuraram pela região de Ribeirão Preto, onde a greve foi detonada há oito dias, a partir do município de Sertãozinho. “Esses companheiros procuram ajudar, mas estão habituados à realidade urbana e deixam o trabalhador rural aéreo”, explicou Vidor Fanta, diretor da Fetaesp.

Ao retornarem às suas regiões depois dos cursos, as lideranças sindicais foram orientadas a conscientizar melhor o trabalhador. Foram formadas comissões de esclarecimento e de greve que não pouparam nem mesmo os parentes dos bóias-frias. Toda família do trabalhador rural do interior paulista ouviu pelo menos uma vez no último ano falar da necessidade de se preparar para a greve.

(Página 8)